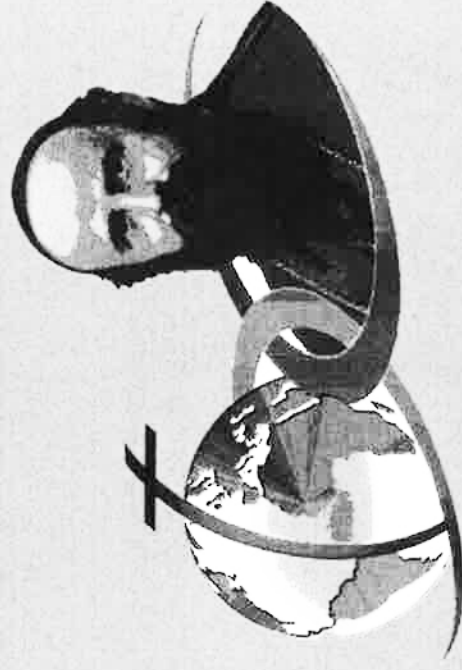


# **Daniel Comboni**

## **Testemunha de Santidade e Mestre de Missão**

**Carta dos três Coselhos Gerais  
dos Institutos Combonianos  
na ocasião da canonização  
do Fundador Daniel Comboni**



**Roma, 1 de Setembro de 2003**



## ÍNDICE

# DANIEL COMBONI TESTEMUNHA DE SANTIDADE E MESTRE DE MISSÃO

Carta dos três Coselhos Gerais  
dos Institutos Combonianos  
na ocasião da canonização  
do Fundador sDaniel Comboni

| INTRODUÇÃO                                                                                                               | pag. | 2  |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|----|
| I A MISSÃO NO CORAÇÃO<br>DA SANTIDADE DA IGREJA                                                                          | »    | 4  |
| II COMBONI SANTO: A CREDIBILIDADE<br>DA TESTEMUNHA                                                                       | »    | 8  |
| <i>“Uma missão assim tão árdua não pode viver de<br/>aparências, e de sujeitos cheios de egoísmo e de si<br/>mesmos”</i> | »    | 12 |
| III COMBONI SANTO: A SUA FORTE EXPERI-<br>ÊNCIA ESPIRITUAL<br>COMO ORIGEM DA MISSÃO                                      | »    | 13 |
| <i>“Inflamá-los de uma caridade que tenha a sua fonte<br/>em Deus e do amor a Cristo”</i>                                | »    | 18 |
| IV COMBONI SANTO: A COMUNIDADE<br>SUJEITO DA MISSÃO                                                                      | »    | 22 |
| <i>“Tornar-se pequeno cenáculo de apóstolos... raios<br/>que brilham juntos e aquecem.”</i>                              | »    | 26 |
| V COMBONI SANTO: PROJECTO DE MISSÃO                                                                                      | »    | 29 |
| <i>“... Eu morrerei com a África<br/>nos lábios”</i>                                                                     | »    | 34 |
| CONCLUSÃO: A CRUZ DE LATÃO                                                                                               | »    | 36 |

“... Santos e capazes. Uma coisa sem ou-  
tra vale pouco para quem segue a car-  
reira apostólica. O missionário e a  
missionária não podem ir sozinhos para o  
Paráíso. ... O missionário e a missionária  
devem ir para o Céu acompanhados das  
almas salvas. E ainda que, antes de tudo,  
devam ser santos, isto é, completamente  
alheios ao pecado e à ofensa a Deus, e  
humildes, isso não basta: precisam de ter  
caridade, que é a que os torna capazes.”  
(Escritos 6655)

Roma, 1 de Setembro de 2003

## INTRODUÇÃO

1. Aproxima-se, a grandes passos, o dia da canonização do nosso Fundador e Pai. Esta constitui uma ocasião única para os nossos institutos, também porque coincide com outros momentos significativos e importantes para nós: o Capítulo Geral para os Missionários Combonianos, a preparação do Capítulo Geral para as Irmãs Missionárias Combonianas e a Assembleia Geral para o Instituto das Missionárias Seculares Combonianas, já celebrada em Julho de 2003. Sentimos a necessidade, como Conselhos Gerais, de chegar até vós com uma carta que, para além de marcar o acontecimento feliz, nos dê a oportunidade de apresentar alguns elementos de reflexão sobre a santidade de Daniel Comboni e sobre o significado da sua canonização, elementos que nos possam acompanhar durante este tempo de graça. Temos presente que, para as Missionárias Seculares Combonianas, alguns conceitos desta carta, como consagração, vida comunitária, evangelização ... terão que ser naturalmente entendidos e vividos dentro da sua própria especificidade laical.

2. Podemos dizer que na nossa Família Comboniana este momento foi acolhido com alegria e esperança, porque foi entendido como uma mensagem que Deus nos envia e que todavia deve ser interpretada. As frases, colhidas da boca de combonianos e combonianas, indicam essas sensações e expectativas: “um momento favorável para ‘escutar novamente’ Comboni;” oportunidade para nos re-apropriarmos das nossas raízes, daquilo que é essencial e que realmente conta – ser santos e capazes. A canonização, como acontecimento de Igreja universal e de Igreja local, recupera um projecto libertador em favor de quantos vivem injustamente marginalizados e esquecidos pela sociedade; ela traz-nos um apelo para uma transformação pessoal e comunitária, em harmonia com o testemunho de santidade do Fundador; ela constitui uma ocasião para focalizar melhor os objetivos da nossa missão *ad gentes* e oferece-nos um momento particu-

Madre Adele Brambilla (Superiora Geral)

Ir. Annunziata Giannotti

Ir. M. Aparecida Gonçalves

Ir. Margit Forster

Ir. Luciana Zonta

Anna Maria Menin (Responsável Geral)

Isabella Dalessandro

Lucia Milani

Maria Vandì

Teresa Zenere

P. Manuel Augusto Lopes Ferreira (Superior Geral)

P. Venanzio Milani

P. Juan Antonio González Nuñez

Ir. Umberto Martinuzzo

P. Rafael González Ponce

injustiças inomináveis com a Cruz de Cristo e por ter atribuído aos pobres a tarefa de desafiar e de ser instância de redenção e libertação.

79. Então não é descabido olhar para aquela humilde cruz e trazê-la idealmente connosco como a relíquia mais preciosa: sinal da sua fidelidade à missão e estímulo à nossa fidelidade; sinal da continuidade da obra na sua pessoa e penhor de fecundidade de uma grande família missionária que conta entre os seus membros pessoas como Mons. António Maria Roveggio, Marietta Scandola - cujo centenário da morte ocorre precisamente no dia 1 de setembro deste ano - os missionários e as missionárias da Mahdia, Bernardo Sartori, José Ambrosoli ... e tantos outros.

80. A sua "Cruz de latão" dir-nos-á sempre que "com fé simples e inabalável", "com suor e feridas cicatrizadas ou ainda abertas", "com os pobres e com os meios pobres" poderemos esperar uma nova primavera de evangelização. Daqui para diante, tudo aquilo que somos e fazemos, como missionários e missionárias combonianos deverá passar pelo crisol desta cruz: "*As obras de Deus, e sobretudo as do apostolado, devem passar pelo caminho real da Cruz e do martírio*" (Escritos 5666).

**Roma, 1 de Setembro de 2003**

lar para revitalizar a animação missionária das Igrejas onde estamos presentes."

3. Estas expectativas e exigências podem parecer excessivas, se consideradas abstractamente. Mas elas, pelo contrário, aparecerão como mais realistas se as espelharmos naquela ícone a que, de agora em diante deverá continuamente referir-se a nossa vida missionária: S. Daniel Comboni. Companheiro de viagem, juntamente connosco e com uma multidão de irmãos e irmãs, aos quais o Senhor continua a enviar-nos e com os quais continuamos a "fazer causa comum." A convicção e a experiência desta "companhia" não só confere um horizonte à nossa vida e acção, não só é consoladora e animadora, mas torna-se também vinculante porque, com a canonização de Daniel Comboni, a Igreja reconhece publicamente a exemplaridade deste seu filho e emite um juízo definitivo sobre a sua qualidade de vida, sobre a sua coerência e sobre o conteúdo da sua acção. O comboniano e a comboniana, colocados pela Igreja diante do seu Fundador, sabem finalmente de estar na presença de uma autêntica "cátedra" de sapiência missionária.

4. Que podemos colher desta hora particular que a Igreja nos propõe? Que nos diz a nós hoje "o ser santo" de Comboni? Na exortação post-sinodal *Ecclesia in África*, o Papa João Paulo II recorda que "*Todo o missionário só o é autenticamente se se empenhar no caminho da santidade (...). O renovado impulso para a missão ad gentes exige missionários santos. Não basta renovar os métodos pastorais, nem organizar e coordenar melhor as forças eclesiais, nem explorar com maior perspicácia as bases bíblicas e teológicas da fé: é preciso suscitar um novo ardor de santidade entre os missionários e em toda a comunidade cristã.*" (EA 136).

5. Esta carta tem como finalidade dar voz àquilo que Daniel Comboni, através do seu próprio testemunho e do testemunho de quantos parti-

lharam a vida com ele, desejaria confiar-nos, quase como um viático, sobre o caminho da missão, sobre o seu sujeito e sobre as opções que se impõem na fidelidade criativa ao carisma.

## I A MISSÃO NO CORAÇÃO DA SANTIDADE DA IGREJA

6. Para nós combonianos e combonianas, a canonização de Daniel Comboni constitui um autêntico acontecimento de graça, no sentido que afirma, com a autoridade que lhe vem de uma experiência vivida e aprovada pela Igreja, o inseparável vínculo que existe entre santidade e “missão ad gentes.”

7. Uma simples constatação estatística poderia fazer-nos colocar em relevo a graça de um Fundador apontado como significativo para toda a Igreja. Entre os 476 santos canonizados durante o actual pontificado, encontramos somente quatro fundadores de Institutos Missionários. Mais precisamente: Eugénio de Mazenod (1782-1861), Marcellino Giuseppe Benoit Champagnat (1789-1840), Daniel Comboni (1831-1881) e Arnaldo Janssen (1837-1909). Se, para além disso, se aprofunda um pouco a sua história, damos-nos conta que, dos quatro, só Comboni e Janssen são fundadores de Institutos exclusivamente missionários. Não é, por isso, sem significado, esta primeira e rápida anotação. O mínimo que se pode dizer é que a canonização de Daniel Comboni evoca uma santidade intimamente ligada à “missão ad gentes” como qualidade permanente da Igreja.

8. A santidade, ou “*a perfeição da caridade*” (LG 39) constitui a realidade central da Igreja “mistério”, a qual está chamada constantemente a contemplar e a incarnar o amor divino que procura a humanidade e que tende, pela sua natureza intrínseca, à realização plena na grande convocação de todos na casa do Pai. Todavia a Igreja não pode fazer essa contemplação – encarnação sem os olhos de pessoas concretas,

*dada para quando S.José tivesse uma constipação, em cuja eventualidade ele renunciaria a ela. Esta frase ouvi-a eu mesmo da boca de D. Daniel. Aquela cruz de latão depois da morte do Sr.Luis passou para as minhas mãos e conservo-a hoje como memória preciosa da qual não desejaria separar-me”* (P. II, p. 1235).

77. Com esta sua cruz de latão sempre ao peito Comboni, sem falar, faz-nos compreender o elemento essencial da sua santidade missionária: as atitudes autênticas e os passos de fidelidade evangélica que o fazem crescer no seu ideal, sem desvios. Parece que Comboni nunca tenha tido necessidade de vender a cruz preciosa; bastou-lhe a cruz de latão para incarnar toda uma nova estratégia de libertação e de regeneração das pessoas e da sociedade segundo o Projecto do Reino e para nos deixar a nós Família Comboniana uma herança que hoje, mais que nunca, nos interpela.

78. Comboni é Santo, não tanto porque teve a inspiração de um Plano no túmulo de S.Pedro. Muitos foram os iluminados na história da Igreja. Nem mesmo pelo facto de ter deixado os seus dois velhos pais e de ter atravessado por 8 vezes o terrível deserto de Atmur. Também outros homens, fortes e audazes, foram capazes de gestos heróicos. Não! Comboni não se coloca sobre este plano, mesmo se lhe devem ser reconhecidas as virtudes dos fortes. Ele é santo pela sua fidelidade quotidiana à missão: toda uma vida gasta até ao fim sem se deixar distrair, desviar, desanimar. Comboni é santo por não se ter apropriado da sua obra em exclusivo, mas por ter sempre reconhecido o primado de Deus e ter realizado a sua obra como obra de Igreja. Comboni é santo pela lucidez, pelo arrebatamento humano e pela esperança com que olhou para a África e a conservou no seu total interesse durante toda a sua vida. Comboni é santo por ter tentado transformar-se a si e à África, partindo dos últimos, sem contudo excluir quem quer que seja. Comboni, por fim, é santo por ter identificado a falta de anúncio evangélico e a presença de sofrimentos e de

transformação (criando novos exploradores) ou, fechada na sacris-  
tia de uma espiritualidade desencarnada, revelar-se-á completamente  
insignificante e inadequada (e a história continuará a criar vítimas  
da injustiça).

74. Neste campo da justiça, paz e integridade da criação somos  
desafiados a construir pontes de comunicação sobre as quais pas-  
sem as problemáticas e as realizações das Igrejas e dos povos que  
são deixados à margem. Num mundo e numa cultura dominante  
que procura esquecer e marginalizar os débeis, é necessário favo-  
recer um conhecimento dos seus valores culturais e sociais, de modo  
que seja reconhecida e apreciada a sua contribuição à construção e  
à preservação do património da humanidade inteira. Num mundo  
que enfrenta o desafio da convivência intercultural e interreligiosa,  
estamos destinados a preparar e tornar efectivos os canais do diálo-  
go interreligioso e intercultural, favorecendo o conhecimento e a  
estima recíprocos.

75. *Morrer com a África nos lábios ... obriga-nos, por fim, a  
combonianos e combonianas, a interrogar-nos sobre o que falta ain-  
da fazer para que o lema comboniano “Salvar a África com a África”  
possa chegar à sua completa realização.*

## CONCLUSÃO: A CRUZ DE LATÃO

76. Depois da morte de Daniel Comboni, segundo o testemunho do  
seu segundo primo Eugénio, “*chegou um missionário da África para  
consolar o pai do Monsenhor e trouxe-lhe uma cruz peitoral de la-  
tão. Tratava-se da cruz de batalha, como ele a costumava chamar.  
Era a cruz que o bispo trazia habitualmente, porque a cruz preciosa,  
que lhe fora oferecida pelo Papa Pio IX, ele dizia que a tinha guar-*

fixos “*em Jesus autor e aperfeiçoador da nossa fé*” (Heb 12,2), sem  
pessoas que, ontem como hoje, “*desprezaram e desprezam a ignomí-  
nia*”, “*suportaram e suportam contra si uma tão grande hostilidade  
do mal*” e “*resistiram e resistem até ao derramamento do sangue na  
luta contra o poder da injustiça*” (Heb 12,3-4). Sem estes rostos de  
homens e mulheres queimados pelo amor, Deus seria um Deus invisí-  
vel, indiferente à dor humana, inútil, um Deus afastado, pensado, vir-  
tual, e a Igreja seria uma comunidade sem memória e sem profecia. A  
Igreja, pelo contrário, será sempre constituída por “uma multidão de  
testemunhas” (Heb 12,1) que nos incitam e animam a nós que nos  
encontramos na arena. Por isso, é impossível separar a santidade da  
Igreja da santidade na Igreja. Comboni entra nesta galeria de rostos  
que transformam o presente em “amor operativo, exemplo, solidarie-  
dade, intercessão (LG 51) e anúncio” (AG 10).

9. Comboni santo continua a apelar à Igreja e a todos nós combonianos  
e combonianas para vivermos a nossa verdadeira identidade como  
consagrados para a missão. Numa maneira convincente, que fala ao  
nosso coração, a sua pessoa e as vicissitudes da sua história, precisa-  
mente porque vividas como caminho de amor sem fronteiras, mos-  
tram quanto santidade e missão sejam duas realidades que não se  
possam separar. Isto nos recorda também o Papa João Paulo II na  
*Redemptoris Missio*: “*O chamamento à missão deriva por sua natu-  
reza da vocação à santidade. A universal vocação à santidade está  
estritamente ligada à universal vocação à santidade: todo o fiel é  
chamado à santidade e à missão. Este foi o voto ardente do Concílio  
ao desejar, com a luz de Cristo reflectida no rosto da Igreja, ilumi-  
nar todos os homens, anunciando o Evangelho a toda a criatura* (cf.  
Mc 16,15)” [RM 90].

10. Daniel Comboni com a sua qualidade de vida parece antecipar as  
afirmações basilares do Concílio Vaticano II sobre uma Igreja toda ela  
responsável pelo anúncio do Evangelho e pela transformação do mun-

do no Reino de Deus (LG 17). Este inconfundível apelo do Concílio proclama que a missão é responsabilidade primária dos bispos (LG 23). Comboni tinha formulado esta afirmação quase cem anos antes no seu *Postulatum pro nigris Africae centralis*, enviado ao Vaticano I em 1870. Ele chamava a atenção da assembleia conciliar para a responsabilidade colegial dos bispos em relação à missão da Igreja, uma Igreja sem fronteiras, sem barreiras, aberta a todas as frentes, a tudo e a todos. “É preciso, pois, fazer todo o esforço para que a *Nigricia* se una à Igreja Católica. Pedem-no a honra e a glória de N. S. Jesus Cristo, a cujo império ainda se não submeteu a África Central, depois de tanto tempo e apesar de Ele ter derramado o seu sangue para a sua regeneração. Requere-o também a dignidade do ministério divino a vós confiado, a quem o Espírito Santo colocou como bispos para reger a Igreja de Deus (Act. 20)” [Escritos 2308].

11. Seguindo o exemplo do nosso santo Fundador somos chamados, como combonianos e combonianas, a viver, testemunhar e a recordar constantemente à Igreja que a referência à *missão ad gentes* não pode ser nem casual nem ocasional, mas está inserida na sua estrutura sacramental e é medida da verdade e da santidade da Igreja de Cristo. Hoje, naturalmente, o *ad gentes* não pode continuar a identificar-se unicamente com transferências geográficas, mas (deve refletir-se também) a urgências e serviços prestados à catolicidade e às reais necessidades de salvação e transformação de uma sociedade que é mundial. Comboni, ao tornar a Igreja consciente desta sua abertura estrutural ao mundo e às culturas, propõe uma vez mais a centralidade do anúncio missionário da salvação em Cristo. Para nos convenceremos da necessidade desta *missão ad gentes*, ou seja da necessidade de proclamar o amor transformante de Cristo, bastaria olharmos para os horizontes da humanidade de hoje e do seu estado actual: grupos humanos não evangelizados, violências, injustiças, discriminações, opressões, pobreza, sofrimentos intoléráveis.

de espectador, passivo e distante, com a desculpa que agora chegou a hora “deles.”

72. *Morrer com a África nos lábios* ... significa conceber a obra da evangelização na sua totalidade e na qual se reconhece uma função particular à Igreja local e aos ministérios laicais. No caminho para a autonomia da Igreja local e no respeito pela criatividade que é expressão das diferenças culturais, a nós compete-nos um empenho, cada vez mais qualificado, na formação dos responsáveis, tanto no campo religioso (seminários, centros de catequese, universidades, etc.) como no âmbito socio-político. Este empenho pede-nos também um compromisso mais decidido na valorização da mulher. Estas exigências de formação, ditadas pela missão, clamam por planos corajosos e de futuro, elaborados juntamente com outras identidades e forças da Igreja e da sociedade. A opção pelos mais pobres exige também uma formação do pessoal missionário mais focalizada e uma utilização do mesmo dentro de uma programação mais eficaz. Monsenhor Gabriel Zubeir Wako, arcebispo de Cartum, faz notar que “o trabalho de evangelização não se pode improvisar. Por esta razão Daniel Comboni gastou muito tempo e energias para conseguir, para os seus colaboradores, uma profunda preparação humana, intelectual e espiritual, de que teriam necessidade para se dedicarem a uma causa assim tão exigente.”

73. *Morrer com a África nos lábios* ... significa, na actual conjuntura socio-económica, empenhar-se pela justiça. Deve-se preservar a visão unitária do Plano que conjuga o anúncio, o dar voz e vez aos pobres, como protagonistas da regeneração, e transformação de toda a realidade. Quando esta unidade de visão e de acção, posta por Comboni, não é respeitada e quando unilateralmente se dá ênfase à dimensão espiritual com prejuízo da dimensão social, ou vice-versa, a evangelização sairá gravemente prejudicada. Esta, privada da sua inspiração espiritual, ou perderá a capacidade de

idade baseada no dom das pessoas; apela a uma nova civilização baseada na cultura da simplicidade, que não quer dizer empobrecimento universal, mas novo ideal de vida, uma verdadeira humanização das relações entre as pessoas e os povos.

**A herança que nos deixa pode ser expressa nestas suas palavras:**

**“... eu morrerei com a África nos lábios”** (Escritos 1441)

70. *Morrer com a África nos lábios ...* significa perguntar-se se a nossa “opção pelos pobres” é um continuar a fazer **para** os pobres ou um criativo viver **com** os pobres. “*Morrer com a África nos lábios...*” significa viver a escolha feita como relação “esposal” com as pessoas e as situações: “*Eu regresso ao meio de vós para nunca mais deixar de ser vosso ... todo consagrado ao vosso maior bem para sempre*” (Escritos 3158-3159). Significa, por isso, verificar a qualidade, a profundidade e a sinceridade com que afirmamos acreditar no outro. Trata-se de uma condição para dar uma forma crível ao “Salvar a África com a África”. Se existe uma atenção respeitadora das exigências das pessoas, e por conseguinte um caminhar autêntico com elas, conseguir-se-á libertar todas as suas potencialidades e encontrar novos caminhos de actuação. Não se poderá responder às expectativas reais das pessoas, da sociedade e das Igrejas Locais se o interlocutor que temos diante adverte uma falta de confiança nele.

71. Estimulados pela fidelidade de Comboni, advertimos hoje mais que nunca que o “fazer causa comum” deverá sempre mais concretizar-se no colocar-se perto, na atitude humilde, amiga, confiante, participativa, atenta a que a sua presença seja de estímulo e de autêntica comum participação na elaboração e actuação dos projectos pastorais e sociais. Ao mesmo tempo, devemos afastar-nos sempre mais das atitudes ambíguas de quem se substitui ao mais débil, fazendo, decidindo, levando tudo para a frente; ou de quem assume uma atitude

12. Vencendo, por conseguinte, as nossas apreensões, temores e dúvidas, a santidade de Daniel Comboni constitui um renovado apelo a acreditar que realmente a missão cristã se encontra ainda nos seus inícios e constitui um banco de prova para a Igreja. Ela “[a missão ad gentes] tem à sua frente uma tarefa imensa, que está muito longe de se ver concluída. Pelo contrário, quer do ponto de vista numérico devido ao aumento demográfico, quer do ponto de vista sociocultural pelo despontar de novas relações e pela variação das situações, aquela missão parece destinada a possuir horizontes ainda mais vastos” (RM 35).

13. Com a sua santidade, Daniel Comboni diz-nos que a missão continua e indica-nos também como ela deve continuar. Deste modo somos levados a acolher a sua santidade como expressão de missão nas estruturas mestras da sua pessoa e da sua obra. Dois testemunhos confirmam a veracidade desta afirmação. A Ir. Catarina Chincarini, a missionária comboniana de 20 anos que em 1881 viajou com Comboni do Cairo a Cartum e de El Obeid a Delen e que foi prisioneira do Mahdi desde 1882 a 1891, durante o processo ordinário de Cartum (1929) deu o seguinte testemunho: “*Já durante a sua vida, nós todas considerávamos o Servo de Deus como um santo, e isto era dito por todos. Quando ele chegou a Cartum como bispo, o governador enviou um barco para o receber. Toda a cidade se tinha reunido para lhe dar as boas vindas e todos diziam: ‘chega um santo’*” (P II, p.1256). E a Ir. Teresa Grigolini, que foi uma das primeiras cinco Pias Madres a ir para a África em 1877 e que foi também ela prisioneira do Mahdi, dava no processo ordinário de Verona (1929) um interessante testemunho sublinhando as nuances entre o ser e o aparecer: “*Externamente ele não parecia pessoa de recolhimento, mas o seu porte evidenciava que ele vivia continuamente na presença de Deus*” (P II, p.1236).

14. Para descobrir o significado da santidade de Comboni é necessário efectuar uma passagem: passar do simples aparecer ao ser. É ne-

cessário, por isso, chegar a conhecer a sua biografia interior para poder perceber como a sua santidade tenha podido mover a sua história desde dentro e, graças a ele e com a participação da Igreja e da sociedade, dar nova vida ao Vicariato da África Central que estava prestes a morrer.

## II COMBONI SANTO: A CREDIBILIDADE DA TESTEMUNHA

*“A missão não tem necessidade de heróis, mas de homens e mulheres autênticos.”*

15. Comboni é pessoa de um só ideal e não entusiasta fácil que se dispersa em mil causas e veleidades. Apesar das múltiplas actividades, Comboni é pessoa de uma só causa, não fechada em si mesma porque as exigências e os seus planos em favor da missão da África Central abraçam toda a África e todo o mundo. Ele é um dos poucos homens que na vida da Igreja podem ser identificados com um continente. Como Francisco Xavier é o missionário do Extremo Oriente, assim Comboni é indispensável sem a África. A sua ícone pessoal é inseparável da África.

16. Ele é uma pessoa completamente dedicada à obra a que se sente chamado, sem se tornar obstinado, teimoso ou violento. Nunca se dá por vencido, um autêntico baluarte inexpugnável e, apesar dos seus muitos sofrimentos, das suas numerosas desditas, e até das debilidades do seu carácter, nunca se fecha em si mesmo, desiludido ou pronto a desistir. Onde existe uma carência histórica de anúncio do Evangelho, donde há uma injustiça feita à dignidade da pessoa e dos povos, lá se encontra Daniel Comboni. Esta tenacidade e esta abertura de horizontes é percebida sobretudo pelos pobres, quando se encontram com a sua figura. Assim aconteceu com Maria José Oliveira Paixão, a senhora brasileira que em 1970, com 10 anos de idade,

desenvolvimento técnico, das manipulações genéticas; ou re-introduzir os valores da transcendência, da solidariedade, da fé, da justiça, da igualdade e dignidade.

68. Num mundo globalizado económica, política e informalmente, encontramos-nos diante de uma viragem inderrogável: ou uma globalização realmente inclusiva de todos; ou uma globalização exclusiva na qual os poucos poderosos e afortunados pretendem encaminhar os destinos da humanidade. Está, de facto, diante de todos o abismo cruel que separa os povos. Baste-nos pensar que dois bilhões de seres humanos vivem com menos de dois dólares ao dia. O fosso que separa os ricos dos pobres alarga-se sempre mais. Segundo os dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, a proporção era de 1 para 30 em 1960, de 1 para 60 em 1990, de 1 para 74 em 1997.

69. Comboni, na sua opção pelos mais pobres, traça-nos um caminho. Não se trata de uma fórmula, nem de um slogan, nem de uma atitude de circunstância, mas de uma opção permanente. Assumir a causa dos marginalizados significa, segundo a óptica de Comboni, unir-se a eles de maneira esponsal, indissoluvelmente. Comboni, de facto, fala da África chamando-a “*minha amada*” (Escritos 941). E diz: “*A África e os africanos apoderaram-se do meu coração*” (Escritos 1438); “*eu não tenho vivido que para a África, eu não morrei que para a África*” (Escritos 1438); “*morrerei com a África nos lábios*” (Escritos 1441). Optar, por fim, pelos mais pobres significa acreditar realmente que “os pobres”, “os povos crucificados”, os “pequenos” são as vítimas. Eles são hoje, como dizia o bispo Óscar Romero, “*o divino violado*” e são por isso instrumento de salvação para todos. De facto, eles apelam à verdade, enquanto nos fazem ver aquilo que não queremos ver ou procuramos ocultar; apelam à solidariedade enquanto nos fazem compreender que não chegam as coisas materiais para sarar as injustiças, mas é necessária uma solidari-

ver também a atitude com a qual ele correspondia às necessidades: “O bispo Comboni era o pai dos pobres, ele ajudava a todos, até os brancos ... Recebia na missão os escravos que fugiam aos seus patrões, e defendi-as diante das autoridades governativas” (P. II, p.1260). A Ir. Isabel Venturini, a comboniana que no ano de 1880 acompanhou Comboni na sua última viagem à África, resumia: “O Servo de Deus socorria qualquer gênero de necessitados, mas de preferência ajudava as crianças, as mulheres, os doentes, os velhos pobres. A estes dava tudo o que podia” (P. II p.1258). Khatib, o carpinteiro e criado na missão de Cartum, acrescenta: “Com a gente habitualmente mostrava-se sorridente, mas era duro com os mercantes de escravos para defender os pobres negros maltratados” (P. II., p. 1257).

66. Uma tal decidida opção pelos “pobres e empobrecidos” é uma herança peculiar da santidade de Comboni e do seu modo de anunciar [o evangelho]. Trata-se de uma autêntica opção de santidade, por que significa escolher a cruz de Cristo como guia da própria vida e dos próprios planos. Na prática, significa escolher o caminho da pobreza, como memória das injustiças que continuam a ser cometidas contra os mais débeis e como profecia de uma maneira diferente de viver, na qual a simplicidade e a solidariedade estão nos alicerces de uma sociedade justa onde realmente há lugar para todos.

67. Uma santidade-opção, a de Comboni, necessária hoje mais que nunca para enfrentar os desafios e as interrogações que nos chegam urgentes dos três fenómenos que hoje abanam os alicerces da sociedade civil e religiosa: a multiculturalidade, a secularização e a globalização. Numa sociedade multicultural, para a qual estamos a caminhar rapidamente, podemos esperar: ou o diálogo, o conhecimento mútuo e por conseguinte a interculturalidade; ou a confrontação, o choque das culturas e das religiões. Numa sociedade que se está a tornar cada vez mais secularizada, coloca-se o dilema: ou resgatar tudo através da razão dura e fria, do dinheiro, do lucro, do

obteve a sua cura pela intercessão de Comboni. Numa entrevista de 1996, 26 anos após o acontecimento da cura, ela assim traça a figura de Comboni: “No barão da infância, que me tinha sido apresentada na altura da cura, descobri mais tarde o homem que durante toda a sua vida lutou pelos débeis e resgatou os negros de modo que eles se pudessem evangelizar a si mesmos. Monsenhor Comboni teve grandes planos para o mundo inteiro e teve êxito, porque hoje existem os seus missionários em todo o mundo que seguem o Fundador.”

17. A continuidade da sua obra apoia-se sobre dois pilares: a sua absoluta fidelidade e a sua grande magnanimidade. Comboni apresenta-se como pessoa da fidelidade absoluta que nem desce a compromissos nem decai no voluntarismo porque tem a consciência de uma tarefa árdua, recebida do Alto. Procura Deus e só o caminho de Deus para chegar ao coração do africano, descobrir nele e ajudar a descobrir o germen da auto-regeneração. Ao mesmo tempo, ele procura perdidamente o africano, o mais abandonado do seu tempo, mas procura-o com o coração de Deus. Comboni é a pessoa magnânima, em quem as coisas e as pessoas deixavam um rasto, percebido imediatamente como acolhimento sem condições. O Cardeal De Canossa, com algum lamento, anotava: “*Aquele bendito Dom Daniel [...] tem o coração que é demasiado sensível e por isso continua a ser generoso sem medida*” (P.II, p.1249-59). Mais que uma pessoa forte, e ninguém poderá duvidar da sua exuberante energia, ele foi sobretudo um homem verdadeiro, autêntico e sincero: a sua alma podia ler-se na sua palavra, sem escondimentos, sem fingimentos ou complicações. As irmãs que com ele partilhavam o peso do dia a dia da missão africana, notavam que “*ele era tão humilde, que algumas vezes nós o compreendíamos*” (P. II, p.1255). “*Era simples como uma criança: como era sincero ele mesmo, assim pensava que todos o fossem. Não acreditava que os demais pudessem usar vias travessas ou falsidade*” (P. II, p.1265).

18. Tanto era de animo simples, como era determinado na sua acção. Comboni parte sempre das situações reais, das pessoas de carne e osso e as suas [atitudes e posições] não são nunca conclusões de um discurso ou de um raciocínio, mas desembocam sempre em decisões concretas, em planos operativos. Nunca desiste. Aprendeu a conjugar um só verbo: recomendar. O amor de Cristo (cf. 2 Cor 5,14) que o anima, o solicita, o arrasta e o possui, ensinou-lhe a solidez dos pequenos passos e da paciência. Ele usa, de facto, com frequência e significativamente, o objectivo *lento*, dia a dia. Naturalmente o avançar lento não é eufemismo mas autêntico caminhar sobre espinhos. Por isso, ele adverte que é necessário *“inculcar nas novicas que elas estão destinadas a ser carne para canhão, a abraçar privações e sacrifícios muito duros e a sofrer um lento martírio”* (Escritos 5746).

19. Em 1865 Comboni toma conhecimento, em Paris, de ter sido expulso do Instituto Mazza; em 1869, Lion corta-lhe os fundos e o Cardeal Barnabó parece voltar-lhe as costas como consequência de calúnias injustificadas de um dos seus colaboradores; em 1878, a Congregação da Propagação da Fé tira-lhe a parte melhor do Vicariato, em favor do Cardeal Lavignerie, sem o consultar; em 1881, são postas em causa a sua capacidade e a sua seriedade moral como bispo, como pessoa e como fundador do seu instituto. A sua resposta é peremptória: *“Já vejo e compreendo que a cruz me é tão amiga e a tenho sempre tão perto, que desde há tempo a escolhi por esposa inseparável e terna. E com a cruz [...] e com Jesus todo meu, não temo ... nem as tormentas de Roma, nem as tempestades do Egipto, nem os redemoinhos de Verona, nem as nuvens de Lião e Paris; e certamente, com passo lento e seguro, andando sobre os espinhos, chegarei a iniciar estavelmente e a implantar a ideada obra da regeneração da Nigricia central, que tantos abandonaram”* (Escritos 1710). A genuína novidade não está no começar, mas no recomençar constantemente, no andar para a frente tenazmente, sem demoras.

*Servo de Deus parecia-me um pai. Ele era o pai dos pobres e assim era chamado quando vivia. Ajudava a todos e por isso todos lhe queriam bem. Ele protegia os pobres escravos e defendia-os mesmo diante das autoridades civis: por este motivo os comerciantes de escravos temiam-no muito”* (P. II, p.1259).

63. Esta sua extraordinária cercania para com os africanos causava admiração. Nós devemos ir além desta admiração, que normalmente se fundamenta numa leitura parcial, porque se identifica quase exclusivamente com a atitude condescendente do benfeitor. Comboni vai mais longe. Se ele descobre energias de uma auto-regeneração é porque, além de saber perceber as qualidades naturais de uma pessoa e distingui-las dos comportamentos negativos reforçados por uma história desfavorável, parte dos valores que a pessoa objectivamente possui, à luz da redenção, isto é, à luz do Crucificado. Os crucificados da história têm uma consistência porque estão identificados com o Crucificado.

64. Comboni, porque possui uma visão de fé eclesial, faz a opção pelos pobres como força de transformação e prova da própria verdade da Igreja e de uma sociedade justa. Por outras palavras, ele acredita na força transformadora dos pobres. Aquele seu único amor pelo mais pobre do seu tempo é, no fundo, não uma exclusão de alguém, mas uma opção. O seu peregrinar sem descanso, a itinerância com “os seus negros”, a concepção de um Plano exigente de auto-regeneração são, com efeito, uma opção. Por detrás do projecto de uma “nigricia auto-suficiente”, por detrás da sua luta tenaz contra a escravidão, está uma opção e não simplesmente uma acção generosa. Desta diferença, os seus contemporâneos foram bem conscientes.

65. Somit Habib, muçulmano, que depôs no processo de Cartum, sublinha exactamente o amplo leque da caridade de Comboni e faz

pobre sujeito do seu próprio resgate.” Uma sublinha a possibilidade do elemento africano de se tornar sujeito-Igreja e sociedade viva e activa: “*Não se poderia*,” escreve ele no Plano, “*promover a conversão da África por meio da África? Sobre este grande ideia fixou-se o nosso pensamento: e a regeneração da África com a própria África pareceu-nos ser o único programa a seguir para realizar tão luminosa conquista*” (Escritos 2753). A outra afirma que, neste processo de salvação integral (conversão e libertação, autonomia pessoal e de estruturas) o ponto de partida são os pobres, os últimos do seu tempo: “*de modo que os conquistados* – escreve no final do Plano – *não vencidos pela força, mas vencedores de si mesmos e da sua própria natureza, terão conquistado com o baptismo a verdadeira religião e o grande benefício da vida civil*” (Escritos 2791).

61. Trata-se de uma acção de santidade, porque na base de tudo se encontra uma visão teológica positiva, a capacidade de redenção do próprio africano, não obstante o peso da errónea concepção da “mal-dição camítica” do “anátema antigo” (Gen 9,25-27). Esta concepção, todavia, para Comboni não será um travão mas um estímulo para fazer mais, para se dedicar com urgência e maior profundidade aos seus irmãos e irmãs africanos. Comboni vê a África e o africano numa luz positiva: sobre eles paira todo o plano de salvação de Deus pelo que é impensável que neles, mesmo abandonados a si próprios, desprezados e humilhados, se encontre só o vazio, um passivo, o atraso; neles existem também potencialidades e energias latentes, neles colocadas para uma auto-regeneração.

62. Então impõe-se avaliar atentamente o amor apaixonado de Comboni pelos africanos. As testemunhas [no Processo da Causa] usam uma só palavra para dar a entender a qualidade deste amor: Comboni é designado por “Pai do Negros.” Hermínia Mersilla, a escrava acolhida e resgatada por ele, depois de maltratada e abandonada no pátio da missão de El Obeid, deu o seguinte testemunho: “O

20.- De facto, a sua existência foi toda ela um contínuo reiniciar, sem contudo se afastar do caminho traçado por Deus, e por isso a semente deitada à terra frutificou no tempo estabelecido. A qualidade deste perene recomençar emerge com clareza da história do Vicariato da África Central e, em particular, das listas originais dos missionários que sulcaram o território da missão. O verbo recomençar, juntado a estes nomes, tem o sabor da morte, da areia ardente do deserto, da água negra e mal cheirosa das “borme” (as vasilhas feitas com pele de cabra), dos esqueletos humanos disseminados ao longo das pistas das caravanas do comércio de escravos, das febres repentinas, dos desmaios, das viagens sem regresso, dos violentos e mortais ataques de febre negra, etc. Não devemos esquecer que Comboni sempre começou quando as condições eram dramáticas. Entrou na missão da África Central quando, desde 1847 a 1872, sobre 120 missionários 46 tinham morrido e todos os outros se tinham retirado. Ele resistiu, com visão de futuro e de esperança, quando desde 1872 se tornou o responsável do imenso vicariato e deixando no terreno, no momento da sua morte, 28 túmulos, incluído o seu próprio, e 11 sobreviventes entre sacerdotes, irmãos e irmãs da missão de Cartum. A sua grandeza é a de não ter esperado por tempos melhores, mas a de ter preparado colocando-os com confiança nas mãos da Providência e dos seus missionários e missionárias.

21. Herói, portanto? Não, simplesmente um homem que “caminha com os olhos fixos nas coisas invisíveis” (2 Cor 4,18), como diria Paulo, e que avança como Moisés “como se visse o invisível” (Heb 11,27). Ele via a mão de Deus e o fim da obra. Por isso conseguia colher nas pessoas e nos acontecimentos o aspecto positivo, gerador de esperança. As suas próprias palavras, ao morrer, testemunham uma personalidade humanamente bem realizada, em que se integram harmoniosamente o seu ser interior, o seu projecto, as pessoas que o circundam e o ambiente que o rodeia. A sua esperança nasce do equilíbrio interior e da fé sincera; “*Não temais; eu morro mas a minha*

*obra não morrerá, haverá muito que sofrer, mas vós mesmos vereis o triunfo da nossa missão.*”

**A herança que Comboni nos deixa pode ser expressa nestas suas palavras:**

*“uma missão assim tão árdua não pode viver de aparências, e de sujeitos cheios de egoísmo e de si mesmos...”* (Escritos 6656)

22. Duas condições imediatas: nenhum gosto pela exterioridade (importa ir sempre à substância das coisas) e nenhuma procura de si mesmo (importa apontar para objectivos sempre fora de si próprio). Em contraluz percebemos que se trata da maturidade humana de uma pessoa estruturalmente extrovertida e positiva, tendencialmente mais inclinada a fazer crescer o outro ou a outra que a preocupar-se de si mesma, mais orientada para Deus e o seu Reino que fixada na procura de compreensão e aprovação dos próprios planos, mais capaz de se empenhar com constância nos objectivos comunitários que nos exclusivamente pessoais, mais inclinada, por fim, a procurar ler, entender e comprometer-se com as situações alheias que fixar-se na reivindicação daquilo que lhe é devido.

23. Da vida de Comboni emergem características humanas inconfundíveis que deverão assinalar para sempre a nossa personalidade: ir ao essencial, não deixando-se condicionar por aparências e por aquilo que é secundário, orientar-se para os outros esvaziando-se da atenção excessiva sobre si próprios. O comboniano e a comboniana distinguir-se-ão por algumas atitudes típicas: constância e coragem em continuar a causa iniciada sem deixar-se distrair; fidelidade absoluta àquilo que se iniciou, manifestada na vontade de recomençar constantemente, não obstante e através das dificuldades e reveses; dedicação e atenção à pessoa e às pessoas, que deve tornar-se sempre mais sensibilidade para com as situações pessoais e comunitárias de maior emergência e dificuldade; e, por fim, uma relação constru-

que a comunidade se torna família em que são aceites e acolhidas todas as diversidades culturais e em que todos se sentem comprometidos a realizar aquilo que juntamente se descobriu como vontade de Deus.

59. *Tornar-se cada vez mais cenáculo* ... significa, por fim, recuperar a memória histórica do próprio Instituto e as figuras que melhor incarnaram o carisma. Procurar colher as suas atitudes e as suas opções significativas é para o hoje uma garantia de continuidade e de sólida tradição, ao mesmo tempo que se torna um estímulo para novas expressões de vida fraterna, novas experiências de comunhão e de irradiação missionária. Alegria e segurança aumentam sempre que se mantém uma ligação sã e criativa com a Tradição do Instituto e juntos se procura esclarecer os caminhos que não são claros, dispostos também a aceitar juntos os insucessos e as perseguições. Sinais, sobretudo este último, de uma comunidade sustentada pelo Espírito e capaz de evangelizar.

## **V. COMBONI SANTO: PROJECTO DE MISSÃO** *... opção pelos mais pobres ... Salvar a África com a África* (E 2753)

60. Um outro aspecto da santidade de Comboni, que ainda hoje é significativo, é a chamada a uma disciplina da mente e da acção feita de opções e de escolhas práticas congruentes. Comboni não se limita a afirmar princípios ou a agir de qualquer maneira, mas demonstra um método próprio que se manifesta no seu Plano. Como é bem conhecido de todos, o Plano é a Carta Magna da sua estratégia missionária que se apoia sobre duas afirmações fundamentais. Uma diz respeito ao fim: “*salvar a África com a África*” e a outra diz respeito à acção de fundo e ao dinamismo ínsito em tal opção: “o

tidianos, as “pequenas virtudes” que nos mudam a nós próprios, transformam as pessoas com quem vivemos e dão qualidade ao nosso viver comunitário. De modo particular, colocar no centro do viver comunitário a atitude da reconciliação e do perdão. Só a reconciliação e o perdão podem restituir a capacidade de reconhecer no rosto do outro e da outra, que vivem ao nosso lado, o rosto de um irmão ou de uma irmã, restituindo-nos a alegria de viver juntos e a esperança de testemunhar o Evangelho como libertação já acontecida entre nós.

57. *Tornar-se cada vez mais cenáculo ...* significa também tomar consciência de que a comunidade é também uma realidade ambivalente e imperfeita. Todos fazemos a experiência da diversidade, da incompreensão, dos obstáculos, da incompatibilidade e da falta de comunicação. O importante é não nos adequarmos àquilo que mina o viver comunitário: a atitude defensiva, silenciosa, resistente; a excessiva procura de interesses e apoios fora da comunidade; o isolamento e a gestão individual e exclusiva do tempo e dos próprios talentos; o deixar-se sobreviver porque se foi ferido ou porque se sente inadequado a viver juntos, etc. Habituarse a estes sentimentos leva a um aumento do sentido da frustração e de desilusão.

58. Dado que existe o perigo real de deixarmos arrefecer a caridade (cfr. Mt 24,12) é necessário reactivar o fogo para que a comunidade não se transforme no puro viver de um ao lado do outro, nem numa equipe de operadores religiosos, nem numa pensão familiar. Então é talvez necessário dar nova qualidade às nossas programações comunitárias e recuperar o sentido do discernimento espiritual comunitário em vista de escolhas evangélicas. O procedimento técnico, que tem o seu lugar, não chega para descobrir a vontade de Deus sobre os membros e sobre os planos da comunidade como fraternidade evangelizadora. É através do discernimento espiritual comunitário

tiva e privilegiada com quem vive ao nosso redor, de modo a gerar sentimentos de esperança, recuperação, atenção, alegria e bem estar físico e psíquico. Por conseguinte, a maturidade humana do / da testemunha exige a capacidade de aceitar o tempo com os seus ritmos, os seus prazos, os seus sucessos e as suas dificuldades, dentro do dinamismo dos pequenos passos, do avançar lentamente. Este curso de acção, persistente e lento, vai unido a uma leitura atenta da história da pessoa e a opções operativas. No seu amor atento e generoso, a pessoa do/a missionário/a deixa naturalmente transparecer um projecto mais amplo, de sinal inconfundivelmente divino.

24. Na imagem humana do missionária e da missionária, Comboni coloca sobre o mesmo plano: exterioridade (aparências), egoísmo (cheios de si) e desinteresse pelo bem espiritual do próximo (não manifestar cuidado pela saúde e pela conversão das almas) [cfr. Escritos 6655]. É o mesmo que dizer que o encerrar-se em si é sinónimo de isolamento de Deus e dos outros. A maturidade humana, por conseguinte, para um missionário e uma missionária não podem ter outro nome que “acolhimento de tudo, de todos e de todas.”

### III COMBONI SANTO: A SUA FORTE EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL COMO ORIGEM DA MISSÃO

*“parecia que um poder divino o impelisse...  
para abraçar e dar o beijo da paz”* (Escritos 2742)

25. Com frequência e justiça ouvimos hoje repetir que o protagonista da missão é o Espírito Santo, sem o qual é impensável o início, a continuidade e a eficácia da missão. Por outras palavras, não se pode fazer missão sem um ponto de partida capaz de revitalizar constantemente a acção. Ora, numa linguagem comboniana deve-se dizer que não há missão sem uma visão que indique a realidade que é funda-

mento de tudo e tudo move desde dentro. Por isso, nós combonianos e combonianas somos constantemente questionados sobre a visão que nos anima e sobre a experiência mística que caracteriza a nossa acção. Não chega afirmar, como já notava Karl Rahner, que o cristão do futuro será místico ou não o será; trata-se de tomar consciência do rosto de Deus que nós mesmos descobrimos e que anunciamos aos outros. Neste sentido, Comboni tem uma sua originalidade, que condiciona a sua e a nossa acção.

26. O olhar contemplativo de Comboni é um estar atento à caridade do Pai, que sai do Coração do Filho, e o impele, na superabundância do Espírito, a ir ao encontro de quem é excluído. Deus e os povos em dificuldade, Coração aberto do Salvador e pessoas oprimidas e abandonadas, Crucificado-Coração trespassado do Bom Pastor e África ou Áfricas dos esquecidos, das escravidões, dos famintos, dos abandonados ao seu destino – são pólos enfim inseparáveis. É impossível pensar um sem o outro, impossível dizer que se acredita no amor de Deus e esquecer o irmão ou a irmã em dificuldade. Afirma-o categoricamente o Plano para a Regeneração da África, o documento programático por excelência: “O católico – escreve Comboni – não se deixou condicionar pelo prisma miserável dos interesses humanos” mas “à luz do puro olhar da fé” descobriu “uma infinidade de irmãos pertencentes à mesma família, que têm nos Céus um pai comum,” e assim advertiu “a divina chama aos pés do Gólgota saída do lado do Crucificado, uma força divina que o empurrou para aquelas terras, para apertar entre os seus braços e dar um ósculo de paz e de amor àqueles infelizes irmãos seus” (Escritos 2742). O comboniano e a comboniana deverão sempre dar razão do amor eterno em que dizem acreditar, através de um serviço que liberte os seus irmãos e irmãs mais abandonados.

27. No centro da missão está o Coração do Deus trinitário, amante e ferido que se dirige ao missionário/a e à África. Em resposta, está o

54. O Papa João Paulo II punha de sobreaviso os membros da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica sobre a ilusão de um operar que sacrifica a qualidade das relações comunitárias: “Se se deixa em segundo lugar o testemunho público da vida religiosa em comunidade e se dá prioridade à acção apostólica, à autorealização pessoal, as comunidades religiosas perdem o seu poder evangelizador e deixam de ser aquela realidade que S. Bernardo definiu com a bonita expressão ‘escolas de amor’, isto é, lugares onde se aprende a amar o Senhor e a tornar-se, dia após dia, filhos de Deus e por consequência irmãos e irmãs.”

55. Tornar-se cada vez mais cenáculo... quer dizer, antes de mais, colocar o acento sobre os aspectos positivos que podem construir um clima de aceitação e colaboração com os irmãos e as irmãs. No coração da comunidade autêntica deve habitar a consciência de que o nosso viver juntos é o dom maior que Deus nos fez, o momento em que a graça e o seu amor se tornam visíveis e eficazes. Somos impedidos, por isso, a recuperar a verdadeira finalidade da comunidade evangelizadora: por graça colocados juntos para viver e proclamar o Evangelho. Esta finalidade de um amor de Deus experimentado juntos e participado por outros e outras, dentro e fora da comunidade, será capaz de dar equilíbrio e favorecer o crescimento da pessoa, porque a finalidade da comunidade se realiza através de relações sãs, profundas e contínuas entre os seus membros. Os serviços prestados não serão então meras funções burocráticas mas serão parte de um empenho de participação em que todos se sentem sinceramente interessados e comprometidos na medida da capacidade e na disponibilidade de cada um/a.

56. Tornar-se sempre mais cenáculo ... significa cultivar a atitude paciente, compreensiva, que recusa julgar e se torna sinal de perdão dado com generosidade. Acreditar na eficácia dos gestos quo-

(Sal 33) e que os faz reconhecer como “aqueles que estiveram com Ele” (Act 1,21).

#### **A herança que nos deixa pode ser expressa**

**nestas suas palavras:**

**“tornar-se pequeno cenáculo de apóstolos ... raios que brilham juntos e aquecem”** (Escritos 2648)

52. Viver a comunidade com alegria renovada. Isto comporta dois aspectos complementares: recuperar sempre mais o sentido e a prática da comunidade fraterna como elemento essencial da vida religiosa e considerá-la como elemento essencial para a evangelização. Toda a fecundidade da vida religiosa – missionária depende da qualidade da vida fraterna em comum. Mais ainda, a renovação actual da missão passa através de um busca de comunhão e comunidade.

53. A vida comum, caminho e prática da comunhão, torna-se vida de irradiação missionária precisamente enquanto vida casta, pobre e obediente. Todas as relações com os irmãos, irmãs e outras pessoas - precisamente porque alimentadas deste amor único que é Cristo ao qual vive orientado todo o nosso ser - deverão, se são verdadeiras, ser expressão de fraternidade. Quanto mais se cresce no amor tanto mais se dilata o coração e se é capaz de criar espaço no coração para diferentes pessoas. Todos os bens, sejam materiais ou espirituais, deverão estar sempre à disposição permanente da comunidade. Desse modo, cada um mede a sua necessidade pelas necessidades dos irmãos e das irmãs e não faz valer o seu direito a ter, mas mais bem o do irmão ou da irmã a receber ajuda. A obediência será expressão de uma submissão a Deus, à autoridade, aos irmãos e às irmãs de modo a serem sempre mais “*um coração só e uma só alma*,” de modo a que indivíduo e comunidade possam submeter-se “*ao que o espírito diz às Igrejas*” (Ap 2,7).

nosso “olhar nupcial” sobre o Deus que tem um coração sensível aos sofrimentos dos povos. A direcção do olhar para Deus determina a atitude para com as pessoas. “...*Ter o coração a arder de puro amor de Deus...*” escreve Comboni nas Regras de 1871, “*e ter sempre os olhos fixos em Jesus Cristo, amando-o ternamente e procurando compreender cada vez melhor o significado da morte de Deus na cruz pela salvação das almas*” (Escritos 2705, 2720-2722). A santidade missionária é este deixar-se iluminar pela completa disponibilidade de Deus para com a pessoa de quem ninguém tem cuidado, para com a África, para depois se deixar transportar pelo movimento desta mesma caridade para a história.

28. Para Comboni não existe nunca uma afirmação fria, uma definição neutra ou um conceito generalizado do amor de Deus que se deva viver ou proclamar. O próprio Deus em quem crê, que o pressiona continuamente, é simultaneamente o Deus amante da África; o Deus morto também pelos Africanos, isto é, o rosto misericordioso de Deus constituído por muitos rostos humanos com toda a sua variedade de alegrias, sofrimentos e esperanças. Deste Coração que bate em uníssono com as alegrias, as tragédias e as esperanças de cada coração humano e desta cruz, na qual Deus morre em favor dos mais deserdados em corpo e espírito, derivam para Comboni consequências importantes.

29. A primeira é ser fiel às dimensões reais do amor de Deus. Por isso Comboni alarga constantemente o horizonte das suas preocupações e atenções. O amor de Deus, que está na base da missão, nunca é exclusivo, mas sempre inclusivo, e pelo seu próprio dinamismo tende a incluir, a fazer-se presente e a abraçar precisamente aquilo que se procura apagar da memória porque longínquo, diferente, alheio. Comboni alarga, por assim dizer, a afirmação paulina: “*Amou-me e entregou-se a si mesmo por mim*” (Gal 2,20) quando afirma: “*Amou-me e entregou-se a si mesmo por nós-pela África*.” Em 1880 escre-

via assim a Giulianielli: “*Rezai e fazei rezar por mim...para que todos se santifiquem salvando a Nigricia*” (Escritos 5976).

30. A segunda consequência importante é a inversão da atitude primária referida ao Coração de Cristo: não ser consolado, mas consolar e com-padecer. O amor de Cristo, simbolizado no Coração trespassado do Senhor, que Comboni apresenta como origem da missão, entende o mistério do Coração não como um consolar a Deus, mas pelo contrário [o mistério] de um Deus que consola, carrega com os sofrimentos, cura as feridas humanas através das cicatrizes do seu Filho: “*O golpe da lança abriu também o coração da África*” (Escritos 1733) – dirá Comboni. No início da missão está portanto uma santidade de Deus que se qualifica com base na empatia e na proximidade e não tanto com base na separação e na distância. Não se trata, portanto, da separação – distância do “*Sede santos, como eu sou santo*” do Levítico (cfr. Lv 11,44-45; 19, 2;20,7) mas mais bem da vizinhança do Deus santo do profeta Oseias que exclama: “*Como te abandonarei, ó Efraim? Entregar-te-ei, ó Israel? O meu coração dá voltas dentro de mim, comove-se a minha compaixão ... porque sou Deus e não um homem, sou Santo no meio de ti e não gosto de destruir*” (Os 11,8-9).

31. Um Deus, por conseguinte, não só próximo do homem, mas que não pode passar sem o homem e sem a sua história. De facto, segundo o profeta Oseias, a ameaça mais terrível que Deus poderia formular é “*não quero continuar a amá-los*” (Os 9,15). Impossível! Seria uma situação de caos completo porque não só significaria que Deus abandonaria o povo, com a consequente destruição do povo, mas significaria a negação do próprio Deus: a renúncia de Deus a ser Deus. A santidade que é fundamento da missão é, antes de mais nada, vizinhança. A experiência do amor de Deus trinitário, através do Coração de Cristo, é a experiência de um Deus que assume o mal; um Deus Pai que, movido pelo seu Espírito de amor, carrega sobre si

50. Este espírito de comunidade-comunhão evangelizadora, que confere solidez e autoridade à obra, encontra confirmação no seu último gesto significativo, antes de morrer. Ele tinha, naquele momento em Cartum, um grupo de irmãs todas muito jovens, com menos de 23 anos de idade, entre as quais se encontravam a Ir. Francisca Dalmasso e a Ir. Elisa Suppi. Cinco dias antes de morrer foi visitá-las para lhes dar coragem e receber o seu juramento de fidelidade à obra. “*No dia 8 à tarde*,” escreve o padre João Ditchtl, um dos cinco missionários presentes em Cartum, “*ele quis, uma vez mais, que promettesse fidelidade à missão. Fi-lo. Prometi de morrer no Vicariato. ‘Ou Nigricia ou morte,’ dizia-me Comboni...*” Nestes últimos juramentos, pedidos e feitos voluntariamente pelos mais jovens, e nas palavras pronunciadas antes de morrer: “*Não temais, eu morro, mas a minha obra não morrerá; haverá muito que sofrer, mas vós vereis com os vossos olhos o triunfo da nossa missão*” (P. II, p. 1255), manifesta-se uma autêntica tradição, isto é, a consciência de uma continuidade expressa em palavras e gestos, realizados e significados pela comunidade dos jovens missionários/as que se encontravam junto dele. Uma esperança, mais ainda uma certeza, ligada por conseguinte à comunidade.

51. Afirmar o futuro da missão na comunidade é não só uma passagem formal de testemunhos, mas a mais convincente expressão de que a missão encontra a sua autêntica realização na comunidade e tem na Igreja a sua verificação. E este é um elemento de santidade, porque denota a passagem do individualismo à comunidade. Recuperar o sentido e a prática da comunhão fraterna, e considerá-la como elemento essencial para uma evangelização autêntica, é também hoje para nós um passo necessário para revitalizar a nossa missão e assegurar-lhe continuidade. Toda a actividade missionária específica deve nascer desta raiz do amor fraterno em comunidade: “*tinham um só coração e uma só alma*” (Act 4,32), ou seja, que toda a acção apostólica deveria nascer deste “*bonum*” dos irmãos que vivem juntos

*encontram seis ou sete irmãs, é suficiente que coloque dois sacerdotes missionários; dois sacerdotes com seis irmãs numa missão da África Central farão mais bem que doze padres numa missão sem irmãs. Esta é a verdade*" (Escritos 5117). "A irmã da caridade na África Central tem um valor igual ao do missionário: mais, o missionário pouco faria sem a irmã" (Escritos 5442). Indiscutível é também o empenho com que se dedicou à fundação dos seus dois Institutos, o masculino (1876) e o feminino (1872).

48. Comboni é a pessoa dos contactos, da comunicação, da comunhão de forças, da confrontação eclesial, de diálogo, do pedido e da procura da opinião dos outros....Mostra-o com a procura de pessoas nos mais variados ambientes: camilianos, beneditinos, salesianos, verbitas, trinitários, irmãs de S. José da Aparição ... Também o Comité Central, que ele propõe como Órgão Central Directivo do Plano, com a adesão de pessoas e instituições laicas, revela essa mentalidade eclesial-comunitária-católica. Uma realidade que procura articular e tutelar a diversidade dos carismas dos Institutos e a unidade de objectivos em relação com o bem total da obra.

49. Às acções que demonstram um sentido comunitário, ele acrescenta também a elaboração conceptual de uma evangelização em comunidade. Esta convicção toma forma na elaboração do Regulamento de 1869 e das Regras de 1871. O Instituto é concebido como um "cenáculo de apóstolos" (Escritos 2648), um centro unitário de onde sai a energia da missão e cuja vida é descrita como "um viver juntos como irmãs e como irmãs" (Escritos 18599, 2495, 2497). A evangelização deve, segundo o seu pensamento, evitar indivíduos isolados. Nunca deixar uma pessoa sozinha numa missão: o testemunho perde qualidade, o zelo diminuirá e meter-se-á em perigo a integridade moral do missionário (Escritos 1317, 4241, 3189).

próprio os erros e paga ele próprio pelos seus filhos no Filho. Deus, em conclusão, responsabiliza-se pelos seus filhos e filhas.

32. Destas considerações advém para a vida pessoal e comunitária consequências extraordinárias: não descarregar a responsabilidade alheia mas carregar com os erros dos outros; não condenar e julgar as caídas alheias, mas saber levá-las juntos; não descobrir as chagas mas curá-las juntos; não fechar-se numa solidão espiritual egoísta, mas saber rezar juntos. A nossa sociedade, e por vezes também a nossa Igreja e as nossas comunidades, seguem outros dinamismos: erraste, agora pagas; hoje és eficiente, aplaudo-te, uso-te; amanhã já não és eficiente, ponho-te de parte; hoje estás em condição de debilidade, clandestino, refugiado, desesperado, deito-te ao mar; ou aceitas estas condições, melhor, estas sub-condições de trabalho, ou vais-te embora... Levar a todos o amor com-passivo de Cristo é a finalidade da missão. Viver deste amor é a primeira e absoluta condição para evangelizar segundo Comboni.

33. As pessoas que conviveram com Comboni notaram nele este primado reconhecido ao amor de Deus. A comboniana Ir. Matilde Corsi, que conhecera o Servo de Deus já em 1877, afirmou no processo de Cartum: "Ele amava Deus sem limite algum" (P. II, p. 1265) e a Ir. Chincarini afirmava: "O Senhor é o seu único caminho. Procurava inculcar em todos, mas particularmente em nós irmãs, o espírito de oração e de ilimitada confiança no Senhor. Diante de qualquer dificuldade a sua frase habitual era: 'Confiemos em Deus e fiemo-nos sempre d'Ele.'" (P. II, p. 1255). E Said Mohammed Taha, um muçulmano que fora mercante de escravos, na sua deposição no processo não se cansava de repetir que "Comboni amava muito a Deus, sabia que tudo vinha de Deus e n'Ele esperava. Do seu falar percebia-se a sua grande fé em Deus" (P. II, p. 1270).

34. Compreende-se agora porquê todas as testemunhas [no processo] tenham ficado impressionadas com a sua constante oração, feita

nos momentos mais impensados e difíceis, mas sobretudo durante a noite. A Ir. Chincarini refere a esse respeito: “*Por causa das suas múltiplas ocupações o Servo de Deus dormia pouco e roubava ao seu escasso repouso o tempo para estar com Deus especialmente para a recitação de alguma oração que não tinha podido fazer durante o dia. E com frequência foi visto, noite adiantada, caminhar no pátio da missão rezando com o terço na mão*” (P. II, p. 1255). Rafail Rigsalla Habasci, presidente da comunidade copto-ortodoxa de Cartum, afirmou no seu depoimento: “*O rosto do santo era jovial*” (P. II, p. 1269), reflectia no seu rosto a luz de Cristo.

**A herança que Comboni nos deixa pode ser expressa nestas suas palavras:**

**“... inflamá-los de uma caridade que tenha a sua fonte em Deus e do amor a Cristo”** (Escritos 6656)

35. *Inflamar de caridade...* Significa regressar constantemente ao coração da missão, ou seja ao amor incomensurável do Pai que nos chega através do Coração trespassado do Filho e nos envia [em missão] no Espírito. É daqui que, como pessoas e como comunidades, ganhamos forma e recebemos a nossa identidade missionária. É nesta fonte que nos confirmamos na certeza de termos sido constituídos por uma vocação pessoal única: “*Meu Deus, isto eu desejo, a vossa lei está no profundo do meu coração*” (Sal 40,9). Desta fonte, bebemos a consciência de termos sido assinalados para sempre com o selo do mistério pascal de morte e ressurreição que dá forma até no nosso corpo à expressão de um amor divino sempre disponível: “*...Preparaste-me um corpo... então eu disse: Eis-me, eu venho para fazer, ó Deus, a vossa vontade*” (Sal 40,7-8). Nesta fonte sentimos que somos enviados na totalidade e unicidade da nossa pessoa: “*Santifica-os na verdade. A Tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os envio ao*

46. Mas, com um olhar mais objectivo e profundo, descobrimos pelo contrário que aquele amor à Igreja, o seu “*nada fazer sem a Igreja*” (Escritos 959; 971) era o distintivo de um homem plenamente convencido que a missão abre novos caminhos, se desenvolve e encontra toda a sua verdade precisamente na comunidade. Daniel Comboni apresenta-se como uma pessoa comunitária na sua acção, ainda antes que no seu pensamento. Vemo-lo numa contínua procura de pessoas e companheiros, mais do que à procura de ajudas. A missão nasce da “*koinonia trinitária*” e aqueles que a continuam não podem senão trabalhar juntos como colaboradores deste movimento eterno da reunião dos filhos de Deus que andam dispersos, ou seja colaboradores na comunhão. A Ir. Matilde Corsi sublinha não só a inspiração espiritual que se desprendia da pessoa de Comboni, mas sobretudo a solicitude que nutria em relação aos seus missionários: “*Eu conheci o Servo de Deus desde a altura em que foi eleito bispo em 1877 até dezembro de 1880, quando partiu para a África pela última vez. A impressão que eu tive foi a de uma pessoa santa, que só se preocupava de Deus, dos seus missionários e das suas missões*” (P. II, p. 1264). A plenitude vivida do amor de Deus é proporcional à consciência da responsabilidade para com os irmãos e as irmãs.

47. Em 1868 Comboni começa a realizar o seu Plano juntamente com um grupo de 3 camilianos, 3 irmãs da Aparição, 16 instrutoras africanas e alguns irmãos leigos. De valor incalculável foi a sua atitude de mostrar, desde o início, plena confiança no elemento africano. Igualmente foi de incalculável valor aquela sensibilidade sua que reconhece uma importância primária ao elemento feminino na evangelização. É o primeiro a levar as irmãs para o centro da África. Assim escreve ele à Superiора Geral das irmãs de S. José da Aparição a 5 de maio de 1878: “*Em Berber encontram-se cinco irmãs do meu Instituto de Verona. Estão destinadas a uma nova missão que abrirei dentro em breve. Eis o meu segredo, confirmado por uma longa experiência de 21 anos. Numa estação ou missão donde se*

43. *Inflamar de caridade* ... significa, essencialmente, entrar com decisão no caminho do radicalismo evangélico, ou seja, da profecia: abandonar tudo para que a sequela de Cristo, que jurámos querer abraçar, possa tornar-se missão: colocar o Reino de Deus por cima de tudo (Mt 6,33). Deste desafio de toda a existência, desta procura do Senhor e do seu plano, deste deixar-se guiar pelo Espírito, nasce-  
rá a profecia-missão, fruto da consagração.

#### IV COMBONI SANTO: A COMUNIDADE

##### SUJEITO DA MISSÃO

“... *humilde cenáculo de apóstolos para a África* ...” (Escritos 2648)

44. Quem adere à plenitude do amor de Deus e faz dele a razão do dinamismo da missão, como acontece com Comboni, não pode deixar de ser uma pessoa comunitária; “*um indivíduo que passa inobservado numa série de operários*” (Escritos 2700), como ele escreve nas Regras de 1871. Trata-se do anonimato de quem não trabalha para si próprio, numa obra, porém, que certamente não é anónima.

45. Falar de Comboni como de uma testemunha da comunidade que evangeliza poderia parecer uma contradição, ou no mínimo algo forçado. Mais que uma pessoa comunitária, poderia parecer que ele foi um gigante, a quem o acentuado individualismo e o transbordante protagonismo conduziram a uma intensa actividade. Mesmo o seu amor inegável à Igreja pareceria todo ele um ar de adesão a uma comunidade rigorosamente organizada, com tintas de conservadorismo. Mais que à Igreja - comunidade de pessoas, pareceria que ele fez mais referência à força da estrutura e da organização eclesial.

*mundo. Eu consagro-me por eles, para eles serem também consagrados na verdade*” (Jo 17,17-19).

36. Inflamar a missão da caridade de Deus significa, por conseguinte, colocar no seu centro a Consagração: o amor infinito do Pai, por cada um e por todos, antes da nossa boa vontade; o amor compassivo de Cristo antes da nossa solidariedade; a pessoa dos irmãos e das irmãs antes da nossa própria pessoa; a disponibilidade total da nossa pessoa antes dos bens que podemos ter, adquirir, doar. Significa poder repetir, com toda a verdade, no seguimento do exemplo de Comboni: “...*totalmente consagrado à glória de Deus e pronto a morrer por Cristo*” (Escritos 6797), “*a única verdadeira paixão da minha vida inteira é que se converta a Nigritia*” (Escritos 6987).

37. *Inflamar de caridade* ... significa retomar a consciência da centralidade da consagração na vida missionária. A Exortação Apostólica *Vida Consagrada* afirma: “... *a missionariedade está ínsita no coração de toda a forma de vida consagrada*” (VC 25). Esta não é somente um empenho humano, generoso e eficiente; ela é vida apostólica, ou seja, verdadeira consagração, correspondência a uma graça recebida, vinculação consciente ao amor divino que chamou em modo único e continua a enviar em maneira única, numa procura constante do rosto do Cristo dos mil rostos. Ela implica, por conseguinte, não só uma parte dos afectos, das qualidades, dos projectos e dos bens, mas toda a pessoa, sem reservas. “*Com todo o coração, com toda a mente, e com todas as forças*” (Dt 6,5) porque é exactamente neste amor total e trinitário que se é escolhido, por graça.

38. Os votos tornam-se para nós a única expressão adequada de resposta a tanto amor. Uma resposta pessoal, única e total, a uma chamada também única e total. Por isso os votos são menos expressão de vínculos jurídicos, leis, deveres morais, e mais consciência alegre de ter sido admitidos por graça a participar no dinamismo do amor

do Coração de Deus pelo mundo. Deveríamos afastar, uma vez por todas, a ideia que a consagração religiosa é uma subtração, gera conflitos, ou é simplesmente uma instrumento de eficácia acrescentado à missão. A consagração constitui o coração da missão, porque é na consagração que o missionário e a missionária são constituídos, por graça, expressão pessoal do dom, o mais gratuito, o mais livre, o mais desinteressado, o mais tenaz, na medida que toma a sua forma e razão de ser do Coração de Cristo e da Cruz. É nas motivações de fundo da pessoa que se revela o dom que salva; e, por isso, é nos três votos que tudo se reconduz à unicidade da pessoa.

39. Um olhar atento sobre a qualidade da nossa vida consagrada garante a autenticidade da nossa missão evangelizadora. Ajudar-nos-á a descobrir se levamos Cristo [aos outros] ou se nos transmitimos a nós próprios, se servimos as pessoas ou se nos servimos delas, se as associamos a Cristo ou se as ancoramos a nós mesmos, aos nossos projectos e às nossas ideias. A consagração, vivida como disponibilidade total de todo o nosso ser a Cristo, dir-nos-á se somos real e completamente disponíveis às pessoas e capazes de crescer junto com elas numa experiência espiritual profunda e transformadora.

40. *Inflamar de caridade* ... concretiza-se também no regresso contínuo à fonte e, por conseguinte, no reconsiderar a qualidade da nossa vida de oração pessoal e comunitária. Comboni estimulava a rezar com o fogo da caridade, por conseguinte, a fugir à rotina e ao accontentar-se com fórmulas, e a fazer da oração um momento pessoal e comunitário de encontro e confrontação com tudo aquilo que em nós, na comunidade e nos acontecimentos, tem necessidade d'Ele, da sua luz e da sua graça. Desafia-nos, por isso, a re-descobrir a oração como momento integrante da missão no qual, oferecendo-nos particularmente a Deus ao ritmo de tempos determinados, nos libertamos progressivamente do individualismo, do excesso de acti-

vidade, da procura ansiosa de eficácia e de resultados, todas coisas que escondem uma excessiva preocupação connosco próprios.

41. *Inflamar de caridade* ... significa, por fim, experimentar que o verdadeiro conteúdo da consagração e da missão é a pessoa de Cristo que deve ser anunciado. Se a natureza da consagração é a graça de ser chamado/a à sequência de Cristo, o coração [da consagração] é constituído pelo anúncio. E também este é um elemento peculiar a Comboni. É impressionante quantas vezes ele fala de um impulso que o torna anunciador de salvação, precisamente enquanto unido à pessoa de Cristo. “*Trabalha-se por Cristo e pela glória do seu nome e para ganhar as almas dos africanos*” (Escritos 6660). Aqui Comboni afirma, com a mesma força de Paulo, a sua condição de prisioneiro do amor de Cristo. Comboni pode ser humilhado, criticado e contestado, mas Cristo tem que ser anunciado. “... *terá que se realizar em nós e cumprir-se o pati, contemni et mori pro te. Teremos que sofrer, ser desprezados, caluniados (o senhor, não; eu, sim), talvez ser condenados e morrer... mas pelo nosso querido Jesus! Pelo mundo eu não dou um cêntimo e menos ainda pela opinião do mundo: mas por Cristo é pouco o sacrifício, o martírio*” (Escritos 6664).

42. Por conseguinte, não o silêncio mas a palavra da vida, o anúncio explícito, directo, humilde, convencido e sem arrogância. É que o anúncio não nasce de um mandato externo, mas de uma condição de identificação. O anúncio, por isso, continua a ser o imperativo basilar a que nada deve ser sacrificado e anteposto. A afirmação paulina: “*mori et contemni pro te*” flui da boca e da caneta de Comboni e traduz a graça e a responsabilidade de anunciar Cristo, em conexão directa com a relação pessoal única, total e espousal com Ele: “*Sofre-se por Cristo, e basta*” (Escritos 6689); “*Estou todo consagrado à glória de Deus e a morrer por Cristo*” (Escritos 6796).